

# VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS MORADORES DA FLONA MACAUÃ

Fortunato Martins Filho<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho versa sobre o processo do ressignificado cultural que acontece com os moradores da Floresta Nacional do Macauã, no Município de Sena Madureira/AC. A pesquisa abordou a construção histórica do território e da identidade, ligada essencialmente com as atividades rurais e seus aspectos extrativistas. Nesse particular, consolidaram-se experiências significativas, na relação com o viver na floresta, florescendo identidade singular, denominada seringueira, que é típica dos moradores florestais, herdeiros das extrações do látex amazônico. Com o processo de implantação da Flona, os moradores da área territorial passaram a ser contemplados com projetos do governo federal e instituições, não governamentais, para adequarem-se ao modelo preservacionista em curso. Ao analisarmos os aspectos culturais, sedimentados por anos de vivência na floresta, percebemos que os moradores seringueiros, agora floneiros, assimilam outros valores, ligados às questões dos recursos naturais, quanto ao fato de viverem em uma área de preservação ambiental.

**PALAVRAS CHAVE:** Floresta, identidade, moradores

**ABSTRACT:** The present work is about the process of cultural re-signification that happens with the residents of the National Forest of Macauã, in the Municipality of Sena Madureira / AC. The research dealt with the historical construction of the territory and of the identity, essentially related to the rural activities and their extractive aspects. In this particular, significant experiences were consolidated in the relationship with living in the forest, flourishing a unique identity, called rubber tree, which is typical of the forest dwellers, heirs of the extractions of the Amazonian latex. With the process of implementation of Flona, residents of the territorial area began to be contemplated with projects of the federal government and institutions, non-governmental, to adapt to the ongoing preservationist model. When we analyze the cultural aspects, sedimented by years of experience in the forest, we perceive that the rubber tappers, now floneiros, assimilate other values, related to the natural resources, to the fact of living in an area of environmental preservation.

**KEYWORDS:** Forest, identity, residents

## INTRODUÇÃO

O nosso objeto de análise enquanto elemento que indica o ressignificado de cultura está nos depoimentos de nossos narradores tendo como referência a construção e a ideia de Flona. São a partir das “referências dadas”, com a memória, história e oralidade que os moradores da territorialidade da Flona rearticulam sua identidade seringueira.

A Floresta Nacional do Macauã foi criada pelo Decreto Federal de Nº 96.189, de 21 de junho de 1988. De acordo com a lei estabelece sua adminis-

---

1 Doutorando na Universidade Federal de Santa Maria, UFSM; Mestre pela Universidade Federal do Acre – UFAC,

tração, conselho gestor e manejo para a área de 173.475 hectares de sua extensão, localizada na Amazônia Ocidental, na regional do Purus, no município de Sena Madureira, as margens do Rio Macauã. A Flona é composta de 19 famílias, todas nascidas na própria floresta. De acordo com Josué da Silva Santos (2010) o povoamento do Rio Macauã ocorreu no período áureo da economia da borracha e seu despovoamento está relacionado à sua estagnação. Durante esse período inúmeras famílias fizeram o fluxo migratório dos seringais para as cidades como Sena Madureira e Rio Branco. É importante destacar que a manutenção de cinco troncos familiares foram fundamentais para o repovoamento daquela localidade, os quais são assim conhecidos: Antônio Lino do Nascimento (Antônio Gordo), Olímpio Cosme de Oliveira (Seu Bebê), Guiomar Ramalho de Oliveira, (Dona Guiomar), Anália Cirino de Lima (Dona Mocinha) e Francisca Soares do Nascimento (Dona Moça) (SANTOS, 2010, p. 101).

A criação da Floresta Nacional do Macauã no Rio Macauã instituiu aos seus moradores uma nova forma de se rearticular com o meio, na qual foram inseridos vários elementos de controle como representação do Estado, que foram “incorporados” no cotidiano dos moradores, agora foneiros<sup>2</sup>. Apesar de a Flona ter sua criação oficializada em 21 de junho de 1988, pelo decreto federal 96.189, os moradores passam a ter conhecimento, de sua existência, somente, a partir do ano de 2002, com as primeiras visitas de agentes do Estado, os quais, com intensos processos de negociações foram “convencendo os moradores da realidade posta”.

De outra forma podemos conhecer Macauã de acordo com as percepções de uma antiga morador. Dona Guiomar. Com seu jeito muito particular de falar, com o tom bem alto e animado, neste caso com aspectos de saudosismo e indignação política, é possível descrever Macauã, local de suas lutas e desafios, comparando com a sua atual vida na cidade de Sena Madureira. A senhora Guiomar Ramalho de Oliveira e seu esposo senhor Olimpio de Oliveira vivem na cidade em virtude de problemas com doenças enfrentadas pelo senhor Olimpio, conhecido como seu Bebê. Seringueiro que trabalhou enquanto lhe foi possível manter a força e saúde, mas quando precisou dos serviços das entidades oficiais para recuperá-la teve que abandonar “o seu” Macauã. Tal situação os têm deixado muito abatidos pela vontade de viver no local de suas origens pelo qual revelam grande apreço e saudade.

---

2 Pessoas que vivem em territorialidades de Flona com singularidade de identidade típica.

Tanta plantação que foi deixada, banana, era banana que era as iraras é quem dava conta ó, e aqui se o cara quer comer uma palminha de banana é um real, tem deles que ainda faz um real, mais é dois reais ó, num dô de jeito nenhum...se o cara quer um quilinho de macaxeira é dois reais...tanta macaxeira menino que a gente tinha, quando eu me lembro do meu roçado! Hein All! (Referindo ao seu esposo BeBe) eu achava tão bom de manhazinha, aquela manhã de manhã fria limpava, limpava aquela rocinha tinha aquele gosto de botar aquele basculhinho tudo pro fim da rocinha, e onde tinha aquele caculão<sup>3</sup>,,,,ah meu deus não gosto nem de falar, dá saudade do meu canto as vertente, as vertente boa.

Os meus fios, meus fios, eu tive onze, essa daqui é minha filha (apontando para Ronilza) Ronilza, essa daqui mora na derradeira, na derradeira colocação, a derradeira colocação e Monte Rizo, só que no Monte Rizo não tem mais ninguém, quem morava lá era um cunhado dela, aí andaram se deixando e vieram pra cá, um filho meu, irmão dela ainda morou lá, mas aí deixou e tá morando pra cá também, lá está abandonado. E lá, só tem ela, mais abaixo tem uma tia dela, mais abaixo tem um primo, outro primo, maisze abaixo tem outro primo (SILÊNCIO), olha, mas a vida lá no Macauã é um canto bom, eu acho mas pra quem é idoso como nós é difícil, sabe que fica difícil porquê só tem carro no verão e de canoa é cinco dias (GUIOMAR RAMALHO, 2011)<sup>4</sup>

Não deixemos que o discurso se prenda ao tempo do passado e com ele se carregue o elemento de saudosismo. Nossa depoente demonstra está muito bem disposta ao trabalho, mas as impossibilidades postas aos idosos e aos trabalhadores rurais são as mais amplas, como os serviços de saúde, que não chegam aos moradores das colocações, alternativas de locomoção, em diferentes fases do ano para viabilizar as plantações, o comércio e a própria vida que os momentos mais exigem. Interroga-se daqueles que os deixam lá, dos que não oferecem as condições para que a vida continue tento o mesmo sentido enquanto lhe corria o sangue da juventude. Como os idosos, outros, também foram abandonados e suas vidas assumem outra conotação. Seria essa a alternativa? Deslocar os homens do campo para barateá-los na cidade ou transformá-los em trapos do sistema de misérias?

Na continuidade da fala, observa-se que Dona Guiomar fica indig-

3 Terreno saliente provocado pela presença da raiz da planta.

4 Moradora do Rio Macauã, esposa do senhor Olimpio Cosme de Oliveira.

nada com os direitos que não foram assegurados, a sua família, depois de tanto tempo de trabalho e sacrifícios nas florestas para manter os interesses econômicos do Estado que, naquele momento, se faziam necessários ter trabalhadores no interior da floresta explorando os seringais para viabilizar a economia local aliada aos interesses externos. Em outra fala um morador muito antigo na localidade, esposo de dona Guiomar, que conversa pouco, em uma única frase disse-nos: Seu Bené: plantei seringa 25 anos<sup>5</sup>.

Talvez seu Bené se interrogue em alguns aspectos: de que valeu tanto esforço se agora na minha velhice não posso desfrutá-la onde mais gostaria? Evidente que faz também essa afirmação com orgulho por ter mantido a família com a bravura do seu suor de extrativista em uma atividade que muitos enaltecem, mas não reconhecem como deveriam.

Na pesquisa foi possível constatar que os moradores da Flona revivem suas histórias através de suas identidades. Seus contos e suas histórias remetem um passado na qual teve o papel preponderante do aprender ouvindo o que os mais velhos falavam também a cerca de seu passado e de como era a vida no lugar. Denominar o endereço como colocação, remete a uma herança da época em que esse território era dominado pela atividade do “corte da seringa”, porém hoje, numa outra relação, ainda presente no cotidiano e nas identidades dos moradores, pois suas áreas de terra se caracterizam e são medidas pelas “estradas de seringa”, caminhos que ligam uma seringueira a outra, as quais ainda recebem golpe da faca de cortar. Embora desenvolvam atividades como agricultores, extrativistas, criadores, caçadores, pescadores, entre outras, ser seringueiro é uma continuidade da vida, é uma identidade. Denominam-se moradores do Macauã porque vivem nas margens do Rio e ali desenvolvem suas atividades de subsistência.

A minha colocação são oito estrada de seringa. Corto seringa, a gente tira, a gente tira uma renda muito boa da borracha, aliás passou um até uns tempos assim fracassado, mas aí conseguiram, até conseguir, subsídio pago pelo governo federal pra ajudar o seringueiro, que trabalha na seringa nativa, aí a borracha conseguiu ficar com um preço bem melhor, aí muita gente, a maioria do povo se animou pra cortar seringa (RAIMUNDO RODRIGUES DO NASCIMENTO, 2011).<sup>6</sup>

5 Entrevista realizada em setembro de 2011 (Olimpio Cosmo de Oliveira). Morador do Rio Macauã, na colocação São Sebastião, residindo na cidade de Sena Madureira em virtude de problemas de doença.

6 Entrevista realiza em fevereiro de 2011 (Raimundo Rodrigues do Nascimento). Morador do Rio

Percebe-se que nosso depoente tem clareza, do momento, em que à atividade do “corte da seringa” retorna com certo grau de importância, com propósito específicos, do governo federal do Brasil, em valorizar o seringueiro e o fruto do seu trabalho. Apesar das contradições presentes no projeto Flona, sua sensibilidade está voltada para as práticas marcantes que caracterizam o seu viver na floresta. Está atento para as decisões oriundas das instituições e pessoas que valorizam seu ser seringueiro e o trabalho que faz para a manutenção e preservação das árvores de seringa e seu ecossistema. “Ajudar o seringueiro” lhe permite dialogar com seu universo florestal sempre cobiçado pelos recursos disponíveis para atender interesses alienígenas; ao seringueiro importa a manutenção familiar, sempre numerosa, que exige esforços consideráveis, para atender o particular alimentar.

Lá em casa a gente vive da caça, da mata mesmo, sempre tem, lá, digamos, em casa não falta arroz, o feijão, verdura sempre não falta, mas como a gente nasce aqui na mata é considerado a alimentação a carne né, as vezes, lá na cidade é bem diferente, é, as vezes considerado o feijão, arroz como alimentação e a carne é a mistura né, já pro seringueiro não, a comida é a carne e o arroz e feijão que é a mistura né, aqui então eu caço bastante a caça é muito boa de carne, os rios são muito bom de peixe, nessa época de inverno tem muita espécie de peixe e bom mesmo. Tem muitos lagos bons de peixe e igarapé aonde a gente pesca.<sup>7</sup>

Nessa fala observamos que o morador deixa claro a certeza de sua identidade de seringueiro e seu particular com os aspectos da alimentação e cultivo de produtos alimentares, algo diferenciado de outros momentos marcantes da extração do látex, um profundo conhecedor dos rios e lagos onde a alimentação é farta.

#### **VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS MORADORES DA FLONA DO MACAUÃ.**

Se antes a identidade era construída através das relações de família, negócios, comunicação via rádio, parentescos e vizinhanças, agora tem uma diversificação de influências que necessariamente está carregada do discurso preservacionista ambiental. Mas, é preciso que tenhamos a devida atenção para percebermos, de acordo com Kerber, Shemes, Pradov (2007), que as referências

---

Macauã na colocação Poço. É Coordenador religioso da igreja católica e desenvolve atividades comuns aos moradores das Flonas.

<sup>7</sup> Idem

das identidades “não é uma via de mão única, mas negociadas”, aonde se pode perceber conflitos que “afloram” e que desaparecem quando atendem o desejo de seu “público”.

Construir a identidade é caminhar em uma perspectiva ampla do que seja a vida do ser humano. Por mais simples que nos possa parecer o seu cotidiano, iremos nos deparar com inúmeras identidades em contínua composição da sua identidade. Tal afirmação pode ser constatada quando observamos o posicionamento de BAUMAN:

Reccio que alegoria do quebra-cabeças seja parcialmente esclarecedora. Sim, é preciso compor sua identidade pessoal (ou as suas identidades pessoais?) da forma como se compõe uma figura com as peças de um quebra-cabeças, mas só se pode comparar a biografia com um quebra-cabeça incompleto ao qual faltem muitas peças (e jamais se saberá quantas) (2005, pg. 54).

Nas entrevistas com os moradores foi identificado que a relação com o território envolve duas situações que podemos considerar conflitantes. A primeira envolve o território enquanto “poder de apropriação” e a segunda enquanto poder simbólico, “valor de uso que carrega as marcas do vivido,” Lefebvre (1986). Estes elementos para o seringueiro que assumem, também, a identidade de floneiro e para a Flona são determinantes na reconfiguração territorial e nas identidades que são construídas. Quando o morador se posiciona sobre a criação da Flona é possível identificar um sentimento de exclusão territorial, e interroga a si, mesmo, se vale a pena ser um protetor da floresta e de sua riqueza e se na sua permanência é possível à continuidade do seu trabalho? De outra forma, também identifiquei outras interrogações presentes na única linha. O trabalho de gerações que foram capazes de manter de certa forma intocada a natureza e com ela construíram famílias, o significado do seu ser e em ser do Macaúã, a razão de continuar e de estar aqui, a manutenção da herança familiar, a luta pela vida e futuro para outras gerações? E afinal a quem pertence esta terra, seus bichos suas árvores suas paisagens, rios lagos, igarapés e seus encantos? Porque se nós protegemos essa terra e não temos direito a nada de que adianta? (GEDEÃO EDUARDO DA ROCHA, 2011)<sup>8</sup>.

Identificamos ainda na fala do nosso narrador, Gedeão que o con-

8 Entrevista realizada em fevereiro de 2011 (Gedeão Eduardo da Rocha). Morador da Floresta Nacional do Macaúã na colocação Apuí.

junto de regras criadas pelo ICM/BIO, com a “participação” dos moradores para as atividades do trabalho na Flona, inviabilizam seu sentimento de liberdade e práticas tradicionais de seringueiro, caçador, pescador, coletor, criador e lavrador da terra. Sua interrogação vai aos anos anteriores onde busca os esforços de seus antepassados que aqui derramaram o suor e de forma muito direta, colaboraram e foram responsáveis pela existência das conformidades de preservação ambientais aqui encontradas. Assegura-se em sua fala que a terra a ele pertence e ele a ela também e sua existência corre grande perigo sem a garantia dessa relação; sente a ameaça da exclusão latente em seu suor e na vida de seus filhos.

Na fala de outro morador o mesmo fala da experiência inicial e das relações que se estabelecem a partir da criação da Flona. Há um sentimento de frustração, de indignação, de não se sentir participativo daquilo que sempre o identificou e pertenceu a vida de seus familiares. Sentem-se como presos pelas imposições oficiais que originaram a Flona, sem serem consultados ou de alguma forma informados das pretensões que se tinham sobre suas áreas territoriais, os desconsideraram como preservacionistas do meio ambiente. Observam as regras como elemento controlador do território e das atividades por eles desenvolvidas, sem esta necessidade, visto que os moradores já convivem com essas relações há tempos e que são características de suas vidas.

De início que a gente pensava que ela tinha sido criada, no caso que ela já tinha sido criada, bem muito antes que eles vieram aqui conversar com a gente já tinham cercado a moita, eles falaram nos objetivos que a Flona ia, tal, tal, ia criar, mas a gente pensava que eles iam criar a coisa, mas no caso eles já tinham criado, então não teve esse sentimento de como ia ser, e aí já depois de criado que eles vieram informar as regras de como que a gente tinha que fazer, várias regras, ainda hoje ainda estão inventando regras. Pelo um sentido ela teve umas modificação mais sérias, mas, não, não tão réu porque as pessoas, daqui de dentro, nunca pessoas, nem eu e nem outro, nunca foram pessoas assim de desobedecer como as regra de brocar, de queimar, de derrubar, tudo não tem o interesse de acabar, tem o interesse de sobreviver, mais sem acabar com o que é que é com as matas, maíze com as regras que eles, que eles colocaram, a gente já estava quase no jeito por caso que ninguém não tinha esse interesse mesmo então eles colocaram as regras que não pode utilizar, acabar com tudo com aquilo, mas interesse nosso, nunca foi de acabar, se era de acabar já tinha acabado, a gente já

é morador daqui há muitos anos e nós nunca tivemos esse interesse(ADMILSON RAMALHO DE OLIVEIRA, 2011)<sup>9</sup>.

No discurso de adequação de atividades com as regras “criadas”, pela Flona, o morador dissimula sua insatisfação, com a presença do Estado, e sua posição é uma forma escamoteada de resistir às mudanças que se estabeleceram, trabalha com a possibilidade de manutenção da sua singularidade e do Estado quer sua liberdade, pois o considera com poder desnecessário, o que os incomoda; “ainda hoje ainda estão inventando regras”. Essa afirmação nos coloca em evidência que as regras para o jeito de ser do Macauã são uma construção das experiências acumuladas, ao contrário das instituições do Estado que as “inventam”.

As “invenções” caracterizam-se como elementos limitadores de suas ações e que já fazem parte das ações do dia-a-dia do seringueiro

Continuando com o mesmo morador, no decorrer de sua fala é possível perceber as variáveis presentes na construção da identidade, pois esta tem sua particularidade de acordo com a realidade posta.

Uns se sentiram oprimido, mas vários se sentiram foi mais à vontade porque aqui a situação antes era meio ruim devido ao conhecimento que a gente não tinha era um pessoal privado nem vinha o conhecimento nem a gente chegava lá depois da criação da Flona é que o pessoal vieram conhecer a realidade□, e a vida mudou 100% depois da criação da Flona, de melhoria....eles trouxeram investimento pra pesquisar algumas coisas na mata e nós ganhamos dinheiro com eles....eles trouxeram o conhecimento de criarmos a associação e isso melhorou nossa vida porque antes a gente vivia na mão do patrão e agora a gente vende e compra pra nós mesmos (ADMILSON RAMALHO DE OLIVEIRA, 2011)<sup>10</sup>.

Nessa afirmação de conhecer a realidade, aponta para o significado do trabalho desenvolvido como moradores da floresta que foram capazes de preservar fauna, flora e um conjunto de recursos naturais de grande valor de uso que agora com a criação da Flona, tomam outras dimensões, assim como suas vidas. Nessa fala, o seringueiro, também define o conhecimento da realidade como mudanças que se estabelecem no território, onde sempre estiveram inseridos, transformando-o e sendo transformados, em conjunto, com a paisagem e a

9 Entrevista realizada em fevereiro de 2011(Admilson Ramalho de Oliveira).

10 Entrevista realizada em fevereiro de 2011 (Admilson Ramalho de Oliveira).



importância que o território passa a ter para eles e para as instituições do Estado. Na visão de Gedeão a preservação ambiental não se realiza sem a manutenção de algumas tradições advindas do trabalho, embora com algumas invenções advindas da Flona:

A gente trabalhava assim na borracha, a borracha não tem preço, aí passemos pra agricultura, agricultura perdeu o valor aí o jeito que tem é agropecuária...até tempo passado eu cortei, corto porque é, é uma cultura mas que melhorar não melhorou não, aí esse pessoal inventaram um negócio duma copaíba, duma semente dum negócio de semente eu pelo menos tenho dez quilo de semente lá em Sena Madureira na minha casinha, não, não tem como, então como que a gente vive...aí a gente tem que trabalhar. De uma maneira que nós sobreviva e a floresta continue em pé, agora temos, precisa, nós precisa queimar nossa rocinha, nós precisa queimar nosso roçadinho, sem queimar como é que a gente vai sobreviver, nós não tem um, nós não tem um trator, além, além de não ter um trator nós não temos condições de pagar nem a diária de um trator quanto mais o óleo, aí como é que nós vamu limpar uma terra... imagina...digamos assim tem um lá no ICM/BIO falando eu digo olha pega aquele velhinho, que eu tenho televisão eu tenho tudo lá em casa, que agora já mudou, aquele velhinho que era o chefe do, do, IBAMA em Brasília, como é o nome dele, é... eu esqueço como é....que tem até a cabeça pelada, eu digo pegue ele solte ele lá no cinco lago com um fardo de açúcar e uma caixa de óleo e um sabãozinho, umas coisinhas, um arrozinho diga assim: dá o teu jeito teu salário tá cortado tu vai sobreviver agora em uma foice ou então que fosse um terçado que assim até ele batia lá, né (GIDEÃO EDUARDO DA ROCHA, 2011)<sup>11</sup>.

A sobrevivência é uma questão que está diretamente ligada à organização do trabalho e neste as atividades que são desenvolvidas para se chegar as condições ideais para a produção. Entretanto, como seringueiro, o morador percebe que para manter ou voltar a praticar a queima do roçado, como preparo da terra, terá que enfrentar o “processo negociado” com as instituições representativas e fiscalizadoras do Estado. Estas mudanças se acentuam quando os mesmos tomam consciência de que não são mais moradores donos das colocações que habitam e ao mesmo tempo tentam retomar e se manter com direitos

11 Entrevista realizada em fevereiro de 2011 (Gedeão Eduardo da Rocha).

de domínio e com as mesmas práticas que os caracterizam. A luta pela sobrevivência apresenta um sujeito novo, o Estado que de maneira escamoteada, com as regras aos seringueiros, vai consolidando o controle sobre a territorialidade e as atividades nelas desenvolvidas. Derrubar, queimar, caçar, pescar, tirar árvores para a construção das casas e outras formas de uso dos recursos presentes na Flona obedece aos critérios estabelecidos em documentos que os moradores, embora ajudem a construir, tem por ele grande receio do que possa estar sendo preparado para o futuro. Quando conversamos com nossos narradores sobre mudanças com a criação da Flona, assim se posicionam:

Mudou porque é assim era uma coisa que a gente era meio, o pessoal tocava assim por conta, não tinha assim um controle, quer dizer o controle só de preservar, a prova é tanto que tá aí você chega nas colocação é dessa maneira, então o que mudou tem uns obstáculos que são essas reunião, que antes não tinha, é meio cansativo, mas é assim mesmo, tem hora que a palestra é até boa....hoje em dia nós estamos num tempo corrido todo mundo quer viver melhor, ninguém quer o mau, porque nessa época era na época do tempo do sapato de seringa e hoje em dia ninguém quer mais usar um sapato de seringa até a borracha ninguém quer mais mexer porque perdeu o valor (GEDEÃO EDUARDO DA ROCHA).

No discurso destes dois narradores, percebe-se que as mudanças estão ocorrendo de forma sistemática, influenciado comportamentos e favorecendo a reflexão da relação entre o passado, presente, futuro e onde também podemos destacar a construção da identidade do floneiro.

Pelo um sentido ela teve umas modificação mais sérias mas, não, não tão réu porque as pessoas daqui de dentro nunca pessoas nem eu e nem outro nunca foram pessoas assim de desobedecer como as regra de brocar, de queimar, de derrubar, tudo não tem o interesse de acabar, tem o interesse de sobreviver, mais sem acabar com o que é que é com as matas (ADMILSON RAMALHO DE OLIVEIRA, 2011)<sup>12</sup>.

É possível mencionar sobre os discursos desses seringueiros que os mesmos mantêm uma “posição conciliadora” com as instituições reguladoras do estado, embora percebam e admitam que houve modificações na vida, sustentam

---

12 Entrevista realizada em fevereiro de 2012 (Admilson Ramalho de Oliveira)

que é possível levar a vida sem que as alterações possam afetar a singularidade das colocações.

Quando se projeta a vida para o futuro com possibilidades de explorações dos recursos naturais, de forma mais intensa para viabilizar e tornar a “Flona auto-sustentável”<sup>13</sup> há posições assim definidas:

Rapaz eu acho que muda pode não mudar pra mim, mas pode mudar pros meus filhos, eu tive um dia lá no Antimari né, e vi o pessoal reclamando esse negócio de exploração na mata, o madeireiro lá tirando madeira diz que agora é que o pescoço está acochado mesmo né pro moradores. A empresa entrou lá tirou a madeira que tinha a empresa tirou tudo que até as caças foram embora, eu acho que não seja bom não. Eu não sei quanto tempo vou viver porque eu tenho meus filhos que é o mesmo que ser eu, eu acho difícil, assim como eles não liberam pra nós tirar, vai vim gente lá de fora pra tirar, pra trazer dificuldades pros meus filhos ou então pra mim mesmo, chega rápido eu posso alcançar também né. Em vez de ser pra nós, que preserva a reserva, vai ser pra outras pessoas (HUMBERTO CIRINO DE LIMA, 2011)<sup>14</sup>.

Nessa fala observamos que o morador se investe de experiências para constituir um discurso, indicando uma situação que não seja aplicada na Flona Macauã, por suas preocupações com os seus familiares, e também se forem criadas oportunidades de geração de renda que seja priorizada os próprios moradores.

Ainda é possível observar através em seu discurso a sugestão de outra construção: que a exploração possa ser avaliada, junto com os moradores, proporcionando melhor aproveitamento dos recursos disponíveis.

Durante nossa estadia na Flona, tivemos a oportunidade de acompanhar, em dois dias de reunião, parte do que vai se configurar como: Acordo e Regras de Uso dos Recursos Naturais e Convivência Comunitária. Nesse intervalo, observamos o empenho e a luta dos moradores junto ao técnico que presta serviço ICM/BIO, Edson Mendes que conduzia os trabalhos para que as regras fossem as mais próximas possíveis de seus entendimentos e de suas realidades. Os moradores fizeram várias observações, em propostas oriundas da

13 29Luis Fernando Scheffler: É pesquisador e presta consultoria ao ICM/ BIO. Apresentou durante a reunião do Conselho das Flonas São Francisco e Macauã, palestra que trata sobre: A viabilidade Econômica das Flonas São Francisco e Macauã.

14 Entrevista realizada em fevereiro de 2011 (Humberto Cirino de Lima).

coordenação da Flona, colocaram adendos, retiraram itens, adicionaram, melhoraram aquilo que não concordavam. Houve grande mobilização dos moradores. Vieram de suas colocações dispostos a se empenharem no processo. Trouxeram mudas de roupa, redes para acomodação, mantimentos alimentar e a família. Adultos, jovens e crianças estavam presentes na atividade, é claro que as crianças aos seus modos, como observadoras, se reservando mais aos adultos e jovens a participação efetiva, tanto dos homens como de mulheres.

É sempre um momento único, de difícil condução, conflitante, às vezes mais ríspido, de consenso e também de conciliação. Todos se faziam presentes pela importância e o significado que o documento assume após a homologação com as ideias oriundas da participação dos moradores.

Vale ressaltar que já existe um Plano de Uso, em vigor, entretanto o que coincidiu em elaboração, durante nossa pesquisa, vem se adequar a legislação, pois foi elaborado antes do Plano de Manejo, portanto precisa ser revisto e passar por aprovação dos moradores e do Ministério do Meio Ambiente.

Entre seus objetivos o Plano de Uso assegura: Servir de guia para que eles exerçam suas atividades agrícolas, florestais, pecuárias, extrativistas, pesqueiras e artesanais, respeitando a cultura e tradições e, ao mesmo tempo, conservar os recursos naturais, garantindo com isso a qualidade de vida dos moradores e das futuras gerações; (Plano de uso das Flonas São Francisco e Macauã, 2002, p. 01).

Tal propósito vem afirmar o que já se pratica, durante várias gerações, nas colocações do Macauã, coloca-se ainda como norteador do trabalho e de uma educação ambiental que se pensa possível.

Nos itens 7 e 8 que trata das Intervenções Extrativistas e Agropastoris: É responsabilidade de o seringueiro zelar por suas estradas de seringa e pela castanheira; As seringueiras e castanheiras não podem ser derrubadas. “Devem ser evitadas as derrubadas e queimadas que ameacem a sobrevivência das mesmas (Planos de uso das lonas São Francisco e Macauã, 2002, p. 02).

As regras são os olhos e ouvidos da Flona, são parte de um conjunto de itens que compõe o processo e a instituição, o comportamento dos moradores, baseados nos itens mencionados, são o resultado de vida e em muitos casos, não se configuram como imposição, mas é o que dá sentido ao gerenciamento e a existência de um controle local. É o “poder simbólico”<sup>15</sup> manifestado através da burocracia controlada pelas instituições oficiais.

15 Burdier Pierre. O poder simbólico. 1989, p 9.

É possível afirmar que as propostas de “desenvolvimento” e manutenção da Flona dificilmente seguirão o caminho de dentro para fora, numa relação dos moradores para com as instituições do Governo Federal, será prioritariamente de fora para dentro e nesse caminho que exclui, há um conjunto de situações que ainda ficam sem respostas tanto para os moradores como para aos técnicos que desenvolvem atividades, definidas no plano de gestão, oriundas do Conselho das Florestas Nacionais do Macauã e São Francisco.

Em outros termos, trata-se de “inventar” uma “economia da floresta”, sem perder de vista a questão mais ampla que se refere ao desenvolvimento da região não descurando da noção de que este desenvolvimento deve ser conservacionista e não-excludente (CAVALCANTI, 2002, p 58 – 59).

De outra forma, na reunião do plano de uso<sup>16</sup> da unidade que tem como objetivo: Assegurar a auto-sustentabilidade, da Floresta Nacional do Macauã e Floresta Nacional São Francisco, mediante a regulamentação da utilização dos recursos naturais e dos comportamentos, a serem seguidos pelos moradores ICM/BIO (2002), os mesmos com suas sabedorias tentam manter algumas conquistas construídas ao longo da trajetória familiar e antes da existência da Flona. Nesse espaço encontram alternativas para firmar algumas lutas dos direitos conquistados e outras que possam ser garantidas no processo da construção das identidades de seringueiro-floneiro na manutenção da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade local está em constante construção sendo influenciada e influenciando através de seus inúmeros sujeitos que carregam as marcas únicas do território. A Flona do Macauã continuará sendo local de memória e de história e, portanto, também, local de preservação da identidade cultural acreana.

A Flona Macauã constitui-se local de história porque ali há construções de vidas e acontecimentos nos quais o ser social vive as suas transformações de acordo com as condições estabelecidas no local.

Consideramos também que a Flona se constitui local de memória, haja vista que os sujeitos locais guardam recordações, lembranças e pensamentos que dialogam com o universo singular florestal.

O ressignificação cultural, dos floneiros do Macauã é um movimen-

---

16 Plano de Uso da Unidade: o Plano de utilização da unidade pelos moradores da Floresta Nacional.

to que foi possível identificar analisando os depoimentos de seus moradores, através dos quais são expressos, como um contínuo discurso de enfrentamento com o processo permanente de Flona que se traduz nas práticas realizadas nas colocações, em suas estradas de seringa. Continuará seu percurso de acordo com a leitura que o mundo proporcionar aos moradores das colocações.

## BIBLIOGRAFIA

ALLEGRETTI, Mary Helena. (2002). *A Construção Social de Políticas Ambientais: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros*. Brasília. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável), UNB.

AQUINO, Terri Vale de. *Índios Kaxinawá: de Seringueiro Caboclo a Peão*. Rio Branco: Sesc, 1982.

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. 2005. ENTREVISTA A BENEDITTO VECHI. *Revista de Sociologia e Política*. ISSN: 0104-4478 (versão impressa) 1678-9873 (versão online)

\_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BACHELARD, Gaston. (1938). *A filosofia do não: filosofia do novo espírito científico* (Trad. J.J.M).

\_\_\_\_\_, *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BOSI, E. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

BRASIL (2000). *Presidência da República*. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9.985, de 18 de Julho de 2000.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico: memória e sociedade*. 1989: Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 1989.

CASTELLS, Manuel. (2000). *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra.

CAVALCANTI, Francisco Carlos da Silveira. *A Política Ambiental na Amazônia: um estudo sobre as reservas extrativistas-Campinas: [s.n.] 2002...*

FERNANDES, Marcionila. *Desenvolvimento Sustentável: antinomias de um conceito*.

In: FERNANDES, Marcionila e GUERRA, Lemuel (Org.). *Contra discurso do Desenvolvimento Sustentável*. Belém: Associação de Universidades Amazônicas, 2003. p.131-169.

FRERIS E LASHFSKI, Nicole, Klemens. *A fachada Verde da exploração madeireira*. 2001.

GARCIA CANCLINI, NÉSTOR, *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade/ Néstor Garcia Canclini: tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa: tradução da introdução da Gênese Andrade*. - 4. ed. 5. Reimp. - São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2011. - (Ensaio Latino-americanos, 1).

Hall, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução: DP &A. Editora, 2006.

HAESBAERT, Rogério. (2004). *Dos Múltiplos Territórios à Multiterritorialidade*. Porto Alegre: UFRGS (no prelo).

\_\_\_\_\_, Rogério. (2004). *O Mito da Desterritorialização: do —fim dos territórios a multiterritorialidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

In: \_\_\_\_\_ & ARAÚJO, Frederico Guilherme de. *Identidades e Territórios: questões e*

olhares contemporâneos. Rio de Janeiro, Access.

LENTINI, VERÍSSIMO, SBRAL. Marco e tall, Fatos Florestais da Amazônia. 2003. Belém: IMAZON 2003.

LEFEBVRE, Henri. Le retour de la dialectique: 12 mots clef pour le monde moderne. Paris: Messidor/ Éditions Sociales, 1986. Tradução livre para o português de Margarida Maria de Andrade.

MEIHY, José Carlos Sebe B. & HOLANDA, Fábíola. História Oral: Como fazer como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTENEGRO, Antonio Torres, História Oral e Memória: a cultura popular revisada. São Paulo: contexto 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. Nº 10, p. 12. 1993.

ORTIZ, RENATO. A Consciência Fragmentada / Renato Ortiz. - Rio de Janeiro: paz e terra, 1980.

PORTARIA 127/2009 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). PLANO DE USO-Floresta Nacional do Macauã e Floresta nacional do São Francisco, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-72.

KERBER, Alessander; PRODANOV, Cleber; SHEMES, Cláudia. O PATRIMÔNIO MATERIAL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM NOVO HAMBURGO (RG): A FORTOGRADIA E A CIDADE. História Revista, Goiânia. Vol. 12, n. 2, p. 187-208. Jul/dez. 2007

RAFFESTIN, Claude. (1993). Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática.

RAFFESTIN, Claude. (1988). Repères pour unethéorie de la territorialité humaine. In:

REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringal e o seringueiro. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas/Governo do Estado do Amazonas, 1977.

SANTOS, Josué da Silva, 1983-Florestas nacionais e —concessões|| na faixa de fronteira amazônica /Josué da Silva Santos -- Rio Branco: UFAC, 2011.

Data de recebimento: 10/09/2018

Data de aceite: 27/10/2018